

Guerra Civil da Etiópia

Informações gerais

A Etiópia é o país com a segunda maior população do continente africano e o décimo maior território. Localiza-se no Chifre da África e é um dos países mais antigos do mundo. Seu território faz fronteira com a Eritreia, o Djibuti, o Quênia, a Somália, o Sudão e o Sudão do Sul e sua capital é Adis Ababa.

O conflito atual que ocorre na Etiópia desde o dia 4 de novembro de 2020 tem raízes históricas. Tudo começa em 1270, com a Abissínia, ou Império Etíope, uma monarquia que perdurou por séculos e constituía-se dos territórios da Etiópia e Eritreia. Em 1974, esse governo teve seu fim quando o imperador Haile Selassie foi deposto por uma junta militar pró-Soviética marxista-lenista, chamada DERG, liderada por Mengistu Haile.

História

A palavra “DERG” trata-se de uma abreviação para “Comitê de Coordenação das Forças Armadas, Polícia e Exército Territorial”, mais tarde, “Conselho Militar Administrativo Provisório” (CMAP). Esse comitê tomou o controle do governo e, em 1975, aboliu a monarquia, instaurou uma República Popular e proclamou o marxismo-leninismo como ideologia do Estado. Nele, a DERG nacionaliza o banco e várias empresas, assim como as minas e as terras - realizando uma reforma agrária - e uma campanha de alfabetização, deslocando os estudantes para áreas rurais e criando conselhos populares de educação, produção e defesa, enquanto nas cidades havia os “kebeles”, comitês populares territoriais que lembravam os soviets russos, para o desenvolvimento da democracia popular. Além dessas reformas sociais, esse novo governo rompeu relações com os Estados Unidos e firmou acordos com outros países socialistas, como a URSS, Cuba e Líbia. Entretanto, não demorou para que a população se rebelasse.

Em 1987, o CMAP tornou-se a República Democrática Popular da Etiópia (RDPE). Desde a metade dos anos 70, a Etiópia se encontrava em um conflito conhecido como *Terror Vermelho*, no qual diversos grupos que buscavam chegar ao poder ou queriam o fim do governo vigente. As ações, financiadas por países como os Estados Unidos, iam desde a queima de plantações e armazéns aos assassinatos de dirigentes sindicais e ataques terroristas contra o governo popular. Dentre os diversos grupos étnicos que buscavam a separação da Etiópia, os principais eram a Frente de Libertação do Povo Eritreu (FLPE) e a Frente de

Libertação do Povo do Tigré (FLPT). Ademais, a Etiópia também se encontrava em um conflito territorial com a Somália, também patrocinado pelos Estados Unidos, visto que eles tinham sido bloqueados de ter qualquer relação com a nação etíope.

Em 1991, com o fim da União Soviética, chegava ao fim também o DERG. A FLPE conseguiu o controle do seu território, exceto duas regiões ao sul. A formação da Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (FDRPE), com a união da FLPT com outros grupos, realizou um golpe de Estado que derrubou Mengistu e seu governo socialista.

O pós-Guerra da Etiópia inicia-se com a FDRPE como os novos representantes do governo. Essa nova era marcava um período próspero e estável do ponto de vista econômico na nação etíope, embora não completamente democrático ou a favor dos direitos humanos. A Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope governava com punhos de ferro, oponentes políticos e ativistas eram presos, o jornalismo era restrito e as eleições eram acusadas de manipulação. Além disso, em 1998, o governo da Etiópia deu início a uma guerra com a Eritreia. Toda essa situação resultou em protestos, os quais levaram a uma remodelação do governo.

Após os governos dos primeiros-ministros Meles Zenawi e Hailemariam Desalegn, a próxima pessoa escolhida para se tornar o primeiro-ministro da Etiópia foi o Abiy Ahmed, o primeiro líder oromo a ocupar essa posição. O contexto tratava-se de uma Etiópia em busca da sua transição para a democracia.

O governo de Abiy Ahmed contava com várias propostas, começando com um projeto nacional: construir um projeto inclusivo no qual todos os etíopes poderiam encontrar seu lugar independentemente de sua etnia e tornar a Etiópia um sistema democrático liberal. O problema dessa sua aspiração é que a Etiópia por si só é um país dividido em etnias, desde a Constituição até a divisão geográfica dos estados federados.

Além do que já foi narrado, a medida mais impactante do governo de Ahmed, que teve repercussão internacional, foi o fim da disputa territorial com a Eritreia, o que rendeu ao primeiro-ministro o prêmio Nobel da Paz. Ainda, Abiy Ahmed promoveu a liberalização da política e a remoção dos principais líderes do governo acusados de corrupção e repressão. Todas essas decisões feitas pelo primeiro-ministro foram vistas com estranheza pelo povo do Tigré, pois acreditavam que isso poderia ser uma tentativa de centralizar o poder e destruir o sistema federativo da Etiópia.

Alguns anos depois de Abiy Ahmed ter sido eleito primeiro-ministro, teve início a pandemia do novo coronavírus, o que fez com que as eleições fossem adiadas indefinidamente. Isso causou um pouco de insatisfação por parte da população e a Frente

Libertadora do Povo do Tigré acabou por decidir fazer suas próprias eleições, o que foi considerado como um ato institucional e ilegal pelo primeiro-ministro. Pouco tempo depois, em novembro de 2020, a FLPT atacou uma base militar federal localizada no Tigré, o que foi justificado como um ataque preventivo, pois as forças federais os iriam atacar de alguma região vizinha. O resultado dessa “prevenção” foi uma operação militar contra a liderança do Tigré ordenada pelo primeiro-ministro, a qual teria uma vitória rápida e sem o derramamento de sangue, mas não foi bem o que aconteceu. O exército nacional foi derrotado, tendo que se retirar da região do Tigré, onde ainda ficaram soldados capturados.

O conflito perdurou por meses. Um ano depois os tigreanos se aproximavam da capital, Addis Ababa, mas as forças militares nacionais conseguiram se defender e forçar os tigreanos a retornar para seu território, porém não acaba por aí. A população etíope sofre as consequências, a guerra do Tigré tornou-se um dos piores conflitos existentes no mundo e a região encara uma crise humanitária. Ademais, de acordo com as Nações Unidas o conflito traz atrocidades que violam os direitos humanos dos dois lados, desde violência sexual, estupros e torturas até limpeza étnica e massacres - sem contar as milhares de pessoas no mapa da fome.

Em suma, não é possível saber ao certo a situação tal qual ela é vista que observadores internacionais e defensores dos direitos humanos estão proibidos de entrar em várias partes do país atingidas pela guerra, disse o diretor executivo do Conselho Etíope de Direitos Humanos independente (EHRCO). Acredita-se que o governo etíope bloqueou serviços básicos na região do Tigré, como energia elétrica, bancos e até telecomunicação, de acordo com um diplomata estadunidense. Além disso, mesmo a comunidade internacional querendo ajudar, enviando caminhões de ajuda humanitária, por exemplo, o governo etíope bloqueou essa medida em julho de 2021, e a OMS não está mais autorizada a enviar medicamentos e equipamentos médicos para o Tigré. Abiy Ahmed não queria tentar um acordo com a FLPT e, em uma publicação sua no Facebook, sugeriu: “todos os etíopes têm a obrigação de morrer pela Etiópia”, e os “terroristas de Tigré” devem ser “enterrados”. Após 16 meses de conflitos, que deixaram mais de cinco milhões de famintos em território etíope, o governo do país declarou trégua de sua parte e esclareceu que seu povo já teria sofrido o suficiente, evidenciando, ainda, que as vidas dos povos do Norte só teriam a melhorar com a recíproca dos tigreanos.

Fontes

<https://youtu.be/z0cYHw-joZI>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Et%C3%ADope

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Derg>

<https://www.novacultura.info/post/2020/04/08/a-etiofia-socialista>

<https://www.dw.com/pt-002/eti%C3%B3pia/t-19479252>

<https://relacionateypunto.com/pt/Eti%C3%B3pia-e-um-longo-caminho-para-a-democracia/>

<https://www.dw.com/pt-002/eti%C3%B3pia-partido-de-abiy-ahmed-vence-com-esmagadora-maioria-elei%C3%A7%C3%B5es-de-junho/a-58229871>

<https://foreignpolicy.com/2022/03/05/ethiopia-tplf-tigray-abiy-eritrea-amhara-peace/>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/05/guerra-do-tigre-completa-1-ano-com-milicia-perto-de-chegar-a-capital-da-etiofia-entenda-o-conflito.ghtml>

<https://www.theguardian.com/global-development/2022/mar/17/nowhere-on-earth-are-people-more-at-risk-than-tigray-says-who-chief>

<https://www.dw.com/pt-002/direitos-humanos-na-eti%C3%B3pia-sob-constante-ataque/a-61169677>

<https://almapreta.com/sessao/africa-diaspora/estupro-foi-arma-de-guerra-no-tigre-em-africa-aponta-relatorio>

<https://www.dw.com/pt-002/eti%C3%B3pia-oms-continua-determinada-a-exigir-acesso-humanit%C3%A1rio-a-tigray/a-60442250>

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/09/04/interna_internacional,1302543/mais-de-150-caminhoes-de-ajuda-humanitaria-chegam-a-regiao-etiope-de-tigre.shtml

VÍDEO:

A Etiópia é o segundo maior país do continente em população e o décimo maior território, localizado na região do Chifre africano, e é um dos países mais antigos do mundo. Faz fronteira com a Eritreia, Djibouti, Quênia, Somália, Sudão e Sudão do Sul, e sua capital é Adis Abeba.

O conflito atual, que ocorre na Etiópia desde 4 de novembro de 2020, tem ramificações históricas. Tudo começa em 1270, com a Abissínia, ou Império Etíope, com uma monarquia que durou séculos e compreendia os territórios do Egito e da Eritreia. Este governo chegou ao fim em 1974, quando o imperador Haile Selassie foi deposto por uma junta militar liderada por Mengistu Haile.

O governo que depôs o imperador, instaurou uma República popular com um viés marxista-leninista e era composto pelo Comitê de Coordenação das Forças Armadas, Polícia e Exército Territorial, conhecido como DERG. Este mesmo comitê cortou laços com os Estados Unidos e firmou diversos acordos com países socialistas, como URSS e Cuba.

O DERG nacionalizou o banco e diversos negócios, bem como as minas e terras - com a reforma agrária -, realizou uma campanha de alfabetização, realocando estudantes para o meio rural e estabeleceu conselhos populares de educação, produção e defesa. Nos centros urbanos, havia os “kebeles”, comitês populares territoriais que lembravam os soviets russos, para o desenvolvimento da democracia popular.

A partir da década de 70, a Etiópia se envolve em um conflito conhecido como Terror Vermelho, no qual vários grupos disputam o poder e o fim do atual governo. As ações rebeldes, financiadas por países como os Estados Unidos, vão desde a destruição de plantações e armas até o assassinato de dirigentes sindicais e ataques terroristas contra o governo. Dentre esses grupos, estavam a Frente de Libertação do Povo Eritreu (FLPE) e a Frente de Libertação do Povo do Tigré (FLPT).

Com o fim da União Soviética em 1991, o DERG também chegou ao fim. A FLPE ganhou o controle de seu território, com exceção de duas províncias do sul. A formação da Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (FDRPE), que incluía a FLPT e outros grupos, resultou em um golpe que depôs Mengistu e seu governo socialista.

Essa nova era inauguraria um período econômico próspero e estável no país, mesmo que não fosse inteiramente democrático ou a favor dos direitos humanos. A Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope governou à mãos de ferros: opositores políticos foram presos, jornalistas foram censurados e as eleições foram acusadas de fraude.

Após os governos dos primeiros-ministros Meles Zenawi e Hailemariam Desalegn, a próxima pessoa escolhida para se tornar primeiro-ministro do país foi Abiy Ahmed, o primeiro líder representante da maioria étnica, os Omoro. O contexto era de uma Etiópia que tentava fazer a transição para a democracia.

O governo Abiy Ahmed tinha várias propostas, começando com um projeto nacional para construir um país inclusivo, no qual todos os etíopes pudessem encontrar seu lugar independentemente da etnia e transformar o país em um sistema democrático liberal. O problema dessa aspiração é que a Abissínia sempre fora dividida em grupos étnicos, desde a Constituição até a divisão geográfica dos estados federados.

Além do que já foi dito, a medida mais significativa do governo Ahmed, que teve repercussão internacional, foi a resolução da disputa territorial com a Eritreia, que rendeu ao primeiro-ministro o Prêmio Nobel da Paz. Além disso, Abiy Ahmed defendeu a liberalização política e a remoção dos principais líderes do governo acusados de corrupção e repressão.

Todas essas decisões feitas pelo primeiro-ministro foram vistas com estranheza pelo povo do Tigré, pois acreditavam que isso poderia ser uma tentativa de centralizar o poder e destruir o sistema federativo da Etiópia.

Com a pandemia do coronavírus, as eleições foram adiadas por tempo indeterminado, causando insatisfação popular principalmente pelos Tigreanos. Por isso, a Frente Libertadora do Povo do Tigré acabou por decidir fazer suas próprias eleições, o que foi considerado como um ato inconstitucional e ilegal pelo primeiro-ministro.

Pouco tempo depois, em novembro de 2020, a FLPT atacou uma base militar federal localizada no Tigré, o que foi justificado como um ataque preventivo, pois as forças federais os iriam atacar de alguma região vizinha. O resultado dessa “prevenção” foi uma operação militar contra a liderança do Tigré ordenada pelo primeiro-ministro, a qual teria uma vitória rápida e sem o derramamento de sangue, mas não foi bem o que aconteceu. O exército nacional foi derrotado, tendo que se retirar da região do Tigré, onde ainda ficaram soldados capturados.

O conflito perdurou por meses. Um ano depois os tigreanos se aproximavam da capital, Addis Ababa, mas as forças militares nacionais conseguiram se defender e forçar os tigreanos a retornar para seu território, porém não acaba por aí. A população etíope sofre as consequências, a guerra do Tigré tornou-se um dos piores conflitos existentes no mundo e a região encara uma crise humanitária. Ademais, de acordo com as Nações Unidas o conflito traz atrocidades que violam os direitos humanos dos dois lados, desde violência sexual,

estupros e torturas até limpeza étnica e massacres - sem contar nas milhares de pessoas no mapa da fome.

Em suma, não é possível saber ao certo a situação tal qual ela é, visto que observadores internacionais e defensores dos direitos humanos estão proibidos de entrar em várias partes do país atingidas pela guerra, disse o diretor executivo do Conselho Etíope de Direitos Humanos independente (EHRCO). Acredita-se que o governo etíope bloqueou serviços básicos na região do Tigré, como energia elétrica, bancos e até telecomunicação, de acordo com um diplomata estadunidense. Além disso, mesmo a comunidade internacional querendo ajudar, enviando caminhões de ajuda humanitária, por exemplo, o governo etíope bloqueou essa medida em julho de 2021, e a OMS não está mais autorizada a enviar medicamentos e equipamentos médicos para o Tigré. Abiy Ahmed não queria tentar um acordo com a FLPT e, em uma publicação sua no Facebook, sugeriu: “todos os etíopes têm a obrigação de morrer pela Etiópia”, e os “terroristas de Tigré” devem ser "enterrados". Após 16 meses de conflitos, que deixaram mais de cinco milhões de famintos em território etíope, o governo do país declarou trégua de sua parte e esclareceu que seu povo já teria sofrido o suficiente, evidenciando, ainda, que a vida dos povos do norte só teriam a melhorar com a recíproca dos tigreanos.